

TRABALHO NA PERSPECTIVA MARXISTA

Marilde Queiroz Quedes¹

RESUMO: O texto tem como objetivo compreender a categoria *trabalho* na visão marxista, ressaltando sua historicidade, a concepção de trabalho desapossado e enquanto mercadoria. Apesar do discurso corrente afirmar que as teses de Marx, sobre o capitalismo, não se sustentam na atualidade, acredita-se ser um momento oportuno para empreender a crítica e a desfetichização das formas de representação, veiculadas pelos meios de comunicação, que organizadas dentro de uma razão instrumental domina a sociedade contemporânea.

ABSTRACT: The text has as objective to understand the category work in the marxist vision, standing out its historicidade, the conception of dispossessed work and while merchandise. Despite the current speech affirming that the teses of Marx, on the capitalism, if do nost support in the present time, it is given credit to be a moment oportune to undertake critical and the desfetichização of the representation forms, propagated for the medias, that organized inside of an instrumental ratio dominates the society contemporary.

Compreender a categoria trabalho pelo meio da dialética materialista não é uma tarefa simples e nem fácil; é árdua, complexa e desafiadora, que exige um desnudar-se de pré-conceitos, preconceitos e visões alienadas, enraizadas e cristalizadas pela própria história. Mas como diz o grande filósofo Kant “*esclarecimento é a saída dos homens de sua auto-inculpável menoridade*”, propomo-nos a esse desafio, na perspectiva de poder apreender um pouco do muito que a teoria marxista tem a oferecer sobre o trabalho.

A relevância deste estudo é, além da atualidade desse debate, a busca de um conhecimento mais sólido do pensamento de Marx, que permitirá captar e desmistificar, no movimento histórico-social a processualidade da categoria trabalho na sociedade burguesa contemporânea tão negada e tão defendida como central na vida humana.

No contexto de um capitalismo transformado, mas nem por isso menos discriminador,excludente e destrutivo, aparecem os que defendem o fim do trabalho bem como, os que pregam a sua flexibilidade

¹Mestre em Educação Brasileira – UFG. Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Faculdade São Francisco de Barreiras – FASB

caracterizada pelo subemprego , terceirização, pela perda de conquistas sociais, etc. - o chamado desemprego estrutural.

Num estudo sobre a vida moderna, Berman (1996:125) recorreu ao modernismo e tomou como ponto de partida Marx, afirmando que esse retorno não foi tanto pelas suas respostas mas pelas suas perguntas. “*O que de mais valioso ele tem a nos oferecer, hoje, não é um caminho que permita sair das contradições da vida moderna, e sim um caminho mais seguro e mais profundo que nos coloque exatamente no cerne dessas contradições*”.

A contraditoriedade da vida moderna do século XIX, expressa radicalmente por Marx, ressoa em bom timbre neste início de século, sem muitas perspectivas de mudança. Nas palavras de Marx (*apud* Berman, 1986:19),

... Na mesma instância em que a humanidade domina a natureza, o homem parece escravizar-se a outros homens ou à sua própria infâmia. Até a pura luz da ciência parece incapaz de brilhar senão no escuro pano de fundo da ignorância. Todas as nossas invenções e progressos parecem dotar de vida intelectual às forças materiais, estupidificando a vida humana ao nível da força material.

VISÃO GERAL SOBRE O TRABALHO

A categoria trabalho é histórica tanto quanto é o homem. Dessa forma, para sua melhor apreensão, é necessário que se faça um movimento em espiral captando sua historicidade e concretude na relação Homem Natureza. Pelo trabalho, o homem transforma a natureza e transforma a si próprio, numa relação dialética entre a teoria e a prática, gerando um processo histórico.

Historicamente, a concepção de trabalho foi carregada de uma visão negativa, torturante, seletiva e elitista, a começar pela sua etimologia. A palavra trabalho – originário do vocábulo latino *tripaliare*, do substantivo *tripalium*, aparelho de tortura para amarrar os condenados ou os animais difíceis de ferrar. Daí, foi feita a associação do trabalho com tortura, sofrimento, labuta, dentre outras. A seletividade e o elitismo vêm desde a Antiguidade grega, onde o manual e tudo que se relacionava a ele era desvalorizado, enquanto que a atividade teórica, intelectual, era considerada a mais digna do homem. Xenofante (*apud* Moreno, 1996:28), afirma que:

os ofícios artesanais gozavam de grande descrédito, o que lhe parecia muito natural, pois obrigavam os artesãos a levarem uma vida reclusa, sentados na penumbra do seu ateliê, devendo às vezes passar o dia inteiro isolado junto ao fogo. Tudo isso produziu um efeito nefasto, pois, considerando a demanda destas artes mecânicas inferiores, o tempo daqueles que se dedicam a elas não lhes deixa nenhum momento de ócio para poder consagrar à amizade ou o Estado. O resultado final que estas atividades produziam naqueles que as cultivavam era enfraquecer o corpo e avaliar a alma.

Mas pelo trabalho o homem se reproduz: desenvolve as suas habilidades, a imaginação; aprende a conhecer suas próprias forças e limitações; altera a visão que tem do mundo e de si mesmo; produz cultura. O trabalho é o caminho que possibilita a compreensão do homem, a sua objetivação como processo natural na transformação da natureza. Assim expressa Marx (1988:142):

Antes de tudo, o trabalho é um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural.

Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços pernas, cabeça e mão, a fim de sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza.

Neste fragmento, Marx evidencia a relevância que o trabalho tem no processo de constituição do homem, na sua relação com a sua natureza, com os outros homens e consigo mesmo. No trabalho, o homem se reconhece e se constitui como tal, como ser social, consciente, criativo e reflexivo; diferente do animal que é instinto, atividade.

Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergõna mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça antes de construí-lo em cera. (Marx, 1988:142-3)

Com essa capacidade criativa, reflexiva que lhe é peculiar, o homem faz da sua atividade vital – o trabalho, objeto de sua consciência.

No fim do processo do trabalho obtêm-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente. Ele não apenas efetiva uma transformação da forma da matéria natural; realiza ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade.

Aqui, o trabalho coloca-se como categoria central na vida humana: a mediação essencial para a “*humanidade do homem*”. Mas essa característica é na forma capitalista de produção – é a desumanização de si, enquanto homem, e de todos os homens. A sede pela propriedade privada, o lucro, a avaréza, a concentração de renda, tornam os capitalistas sem alma, exploradores do trabalhador que se vê obrigado a vender a sua força de trabalho – único meio de produção que detém, face à nefasta exploração do capital. O surto de produtividade sem precedentes, gerado pelo capitalismo industrial, jogou milhões de trabalhadores na vala da miséria, saldo macabro na história desta sociedade.

Ao apreender o caráter negativo do trabalho, Marx apanhou também as condições específicas de sua realização, para distingui-lo numa forma de produção específica e determinada historicamente. Por isso, sua análise interpretou tanto o trabalho geral, quanto o trabalho particular. Para isso, fez uma profunda crítica do trabalho nas concepções hegeliana e dos economistas clássicos. A primeira, só conheceu o trabalho abstrato espiritual e explicou apenas o seu aspecto positivo. A segunda, viu o indivíduo como “*produto isolado*”, fragmentado, por sua vez, a produção, a distribuição, a troca e o consumo.

TRABALHO E DESAPOSEAMENTO

Muitos pensadores já disseram que a história de realização do ser social, objetiva-se através da produção/reprodução da sua existência – ato social realizado pelo trabalho. A partir do trabalho, o homem torna-se ser social, o que lhe diferencia dos demais seres humanos. Reitera-se o pensamento de Marx quando diferencia o pior arquiteto da melhor abelha.

Isso porque antes de realizar o trabalho, o homem já tem idealizado em sua cabeça; o trabalho entendido como forma originária, protoforma da atividade humana. Mas essa objetivação que deveria se constituir na finalidade

básica do ser social, torna-se “pervertido e depauperado”.

Desde que o trabalho passou a ser encarado como meio de produção de mercadorias e acumulação de riqueza/capital, o trabalhador se tornou mais pobre, se converteu em mercadoria; com isso o homem vem perdendo sua humanidade, vem se coisificando,

O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção cresce em poder e volume. O trabalho tornou-se uma mercadoria tanto mais barata quanto mais mercadoria cria. Com a valorização do mundo das coisas, cresce a desvalorização do mundo dos homens em proporção direta. O trabalhador não produz apenas mercadoria; produz-se a si próprio e o trabalhador como uma mercadoria, e com efeito na mesma proporção em que produz mercadorias em geral (Marx,1993:63)

Isso evidencia que o objeto produzido pelo trabalho, o seu produto, atividade vital do homem, torna-se estranho, alheio, independente dele que o produziu. Dar-se portanto, a desrealização do trabalhador como constata Marx (1993:62) *“a realização do trabalho aparece a tal ponto como desrealização que o trabalhador é desrealizado até a morte pela fome.”*

Nesse processo de alienação, o trabalhador, além de ser privado dos objetos necessários à sua sobrevivência, também o é dos objetos de trabalho “ a apropriação do objeto aparece a tal ponto como alienação que quanto mais objetos o operário produz tanto menos pode possuir e tanto mais cai sob a dominação do seu produto, do capital. No estranhamento como produto do seu trabalho, o trabalhador já não se reconhece mais “ o trabalhador põe a sua vida no objeto; porém, então, ela já não lhe pertence, mas ao objeto”. Enfatiza Marx (1993:63):

O desapossamento do operário no seu produto tem o significado, não só de que o seu trabalho se torna um objeto, uma existência exterior, mas também que ele existe fora dele, independente e estranho a ele e se torna um poder autônomo frente a ele, de que a vida, que ele emprestou ao objeto, o enfrenta de modo estranho e hostil.

A alienação para Marx, assume diferentes aspectos. Primeiro, a relação do trabalhador com o produto do seu trabalho como objetivo alheio que domina. Segundo, a relação do trabalhador com o ato da produção em que o trabalhador se aliena em relação à si mesmo, numa atividade que lhe é hostil e na qual ele não se sente bem. Terceiro, o homem se aliena de si mesmo enquanto ser genérico, ser para si, capaz de ter consciência de si mesmo enquanto genérico, enfim, torna-se capaz de reconhecimento. Como consequência imediata desses três aspectos resulta em alienação do homem em relação aos outros homens. *“Quando o homem se enfrenta a si próprio, enfrenta-o o outro homem. Na relação do trabalho alienado, cada homem considera o outro segundo medida e a relação na qual ele próprio encontra como operário.” (Marx, 1993:69)*

Marx também mostra nos Manuscritos como apresenta, na realidade, o conceito de trabalho alienado, desapossado. Argumenta que se o produto do trabalho é estranho ao trabalhador, se a sua atividade não lhe pertence, com certeza pertence a outro homem, que, naturalmente, é o capitalista. Em suas palavras:

O ser estranho, a quem o trabalho e o produto do trabalho pertencem, ao serviço do qual está o trabalho e para fruição do qual está o produto do trabalho é, só pode ser o próprio homem. Se o produto do trabalho não pertence ao trabalhador, é um poder estranho perante ele, então isso só é possível porque ele pertence a um outro homem que não o trabalhador. Se a sua atividade é para ele tormento, então deve ser fruição para um outro e alegria de viver de um outro.”

Dessa relação estranhada, desapossada do trabalhador com o produto do seu trabalho, gera a relação do capitalista, o “senhor do trabalho”, porque é quem compra o trabalho, enquanto mercadoria. Portanto, como

diz Marx, a propriedade privada é causa necessária do trabalho alienado, dessa relação estranhada do trabalhador com a Natureza e consigo próprio. O segredo da propriedade privada se evidencia, a saber *“por um lado, que ela é produto do trabalho desapossado e, em segundo lugar, que ela é o meio através do qual o trabalho se desapossa, a realização deste desapossamento”* (Marx,1993:71)

Sobre a questão do salário, ele é a expressão da propriedade privada, um vez que o trabalhador não tem poder sobre ele. Por mais alto que seja o salário, não evita a alienação do trabalho, pois este é *“uma consequência do trabalho alienado e o trabalho alienado é a causa imediata da propriedade privada”* (Marx,1993:72)

O SEGREDO DA MERCADORIA

Partindo desta categoria simples, a mercadoria, Marx inicia seu percurso crítico-analítico, demonstrando que o valor de uso é condição *sine qua non* da mercadoria, ou seja, sem utilidade a mercadoria não é consumida, não há mercadoria sem valor de uso pois este satisfaz necessidades humanas, reais ou inventadas.

Entretanto, o valor de uso é subordinado ao valor de troca. Esta categoria histórica na sociedade capitalista moderna é subsumida à categoria valor. Este, refere ao *quantum* de trabalho socialmente necessário para se produzir determinada mercadoria. Assim, representa uma grandeza do valor que varia segundo mudança na força produtiva do trabalho. Se há maior *quantum* de trabalho, há maior valor da mercadoria e vice-versa.

É importante ressaltar que o valor de uso é produzido por um “tipo” de trabalho: o trabalho concreto e o valor refere-se ao trabalho abstrato. Este subordina o trabalho útil porque, a grosso modo, quando as mercadorias são trocadas, o trabalho útil “desaparece”, pois interessa ao mercado o valor propriamente dito que o trabalho abstrato produz; que por definição, é imanente à mercadoria. Diante do trabalho abstrato, todos os trabalhos se equivalem, pois expressa o *quantum* de trabalho socialmente necessário para produzir a mercadoria. *“A forma equivalente de uma mercadoria é consequentemente a forma de sua permutabilidade direta com outra mercadoria.”* (Marx,1988:59)

Para Marx, portanto, a mercadoria encerra “duplo caráter”. Valor de uso e valor de troca (“forma natural e forma de valor”). Mas, em última instância, a mercadoria é sempre “gelatina de trabalho humano” pois “esconde” o trabalho útil, o seu valor de uso. Assim, a mercadoria reduz-se a dinheiro que é a equivalência entre todas as mercadorias. De valor de uso chega-se ao valor, ao dinheiro que no mundo das mercadorias, oculta o próprio trabalho humano abstrato. Como argumenta Marx (1988:61),

O corpo da mercadoria que serve de equivalente figura sempre como corporificação do trabalho humano abstrato e é sempre o produto de determinado trabalho concreto útil. Esse trabalho concreto torna-se portanto expressão de trabalho humano abstrato.”

O segredo da mercadoria revela. A mercadoria se apresenta como coisa, o produtor da mercadoria não se reconhece no produto de sua trabalho. Da forma como a mercadoria se apresenta aos homens, reduz as características sociais do trabalho a características objetivas dos produtos do trabalho, e as relações dos produtores com o trabalho a uma relação exterior a eles.

Abordando o caráter fetichista, Marx identifica que a mercadoria se apresenta repleta de “fantasmagorias”, “cheia de sutileza metafísica e manhas teológicas.”

O misterioso da forma mercadoria consiste, portanto, no fato de que ela reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos do seu

trabalho, como propriedades naturais sociais dessas coisas e, por isso, também reflete a relação social existente fora deles, entre objetos. Por meio desse *quiproquó* os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas metafísicas ou sociais (...) Isso eu chamo o fetichismo que adere aos produtos de trabalho, tão logo são produzidos como mercadorias, e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias (Marx,1988:71)

O fetiche se constitui nesta realidade aparente da mercadoria, que mascara as relações sociais entre os homens. Por ser um fenômeno específico da sociedade capitalista, o fetichismo obscurece o que de fato a sociedade é; ofusca a realidade concreta, transforma os produtos do trabalho em mercadorias, escondendo o trabalho concreto que as produziu e inviabilizando a relação social entre os indivíduos, que passa a acontecer via o processo de troca.

Com a proliferação de troca formam-se os mercados de fixação de preços, cristalizando a mercadoria dinheiro. Com o dinheiro, Harvey (1999) afirma que o fetiche da mercadoria assume uma nova dimensão, porque o valor de uso do dinheiro está em sua representação do mundo social e do valor de troca.

As condições de trabalho e de vida, a alegria, a raiva ou frustração que estão por trás da produção de mercadorias, os estados de ânimo dos produtores, tudo isso está oculto de nós ao trocarmos um objeto (o dinheiro) por outro (a mercadoria). Podemos tornar o nosso café da manhã sem pensar na miríade de pessoas envolvidas em sua produção Todos os vestígios de exploração são obliterados no objeto - não há impressões digitais da exploração no pão de cada dia. Não podemos dizer, a partir da contemplação de um objeto no supermercado, que condições de trabalho estiveram por trás de sua produção. (Harvey, 1999:98)

Mas a opacidade não diz respeito somente aos fatores objetivos da realidade. Segundo Resende, (1992) a realidade das coisas produzidas pelo homem penetra também sua mundo subjetivo, espiritual e interior conformando e constituindo a base da perda das características específicas de sua humanidade. Alienação das formas subjetivas, materiais e psicológicas do indivíduo.

Ao falar desse processo de fetichismo/reificação, Goldmann (1979) parte da análise do mecanismo psíquico observando as relações dos homens entre si e dos homens com as coisas. No primeiro caso, pensando a economia numa sociedade capitalista ideal, de concorrência livre, tudo estaria ótimo, uma vez que o empreendedor, na busca de um alto lucro, seria obrigado a baixar os preços, na competição com os demais concorrentes. No segundo aspecto, a relação dos homens com as coisas, o autor mostra que nas formas sociais pré-capitalistas, o que impulsionavam os homens a produzir, era seu valor de uso para atender as necessidades humanas. E que mesmo diante dos privilégios de uma minoria, injusta, dentre outros, se estabelecia mais ou menos claramente uma relação real e consciente entre os produtores e o valor de uso dos bens produzidos.

Essa estrutura foi radicalmente alterada com o desenvolvimento da produção para o mercado. O valor de uso deu lugar ao valor de troca e os industriais passaram a produzir *“para alcançar valor de troca comum qualitativamente idêntico em todas as mercadorias que chegam ao mercado.”* (Goldmann,1979:119) Embora o valor de uso não perca totalmente a realidade, pois uma mercadoria só é vendável se tiver valor para o último comprador, neste círculo das relações inter-humanas, o valor de troca das mercadorias ocupa com exclusividade a consciência dos homens e a importância do valor de uso fica condicionada ao valor de troca.

Dentro deste raciocínio, também o operário se tornou um elemento “intercambiável”; seu trabalho, para a empresa não é mais o trabalho deste ou daquele indivíduo, é o trabalho/mercadoria de um operário anônimo que custa tal valor e produz determinado lucro.

Para Goldmann (1979:120), a redução das relações sociais a valor, é um fenômeno fundamental da sociedade capitalista. O autor evidencia esta idéia no exceto a seguir:

A transformação das relações humanas qualitativas em tributo quantitativo das coisas inertes, a manifestação do trabalho social necessário empregado para produzir certos bens como valor, como qualidade objetiva desses bens; a reificação que conseqüentemente se estende progressivamente ao conjunto da vida psíquica dos homens, onde ela faz predominar o abstrato e o quantitativo sobre o concreto e o qualitativo.

Resende (1987) chama a atenção para o agravamento desse problema no início deste século, uma vez que o processo de fragmentação, de objetivação do homem encontra-se muito mais avançado, diferente do que foi apreendido por Marx no século XIX.

Por mais que os teóricos da “pós-modernidade” queiram negar a atualidade do pensamento marxista, os fatos evidenciam que ele ecoa com muito mais vigor no início desse novo milênio.

A exclusão social, caracterizada pela nobreza, desemprego, falta de moradia, educação, saúde, lazer, segurança, etc., tem se proliferado nessas últimas décadas com um crescente número de miseráveis em todo o mundo – uma segregação do direito de viver com dignidade. Esse quadro traz à tona uma das teses de Marx, que no regime capitalista, os trabalhadores ficariam cada vez mais pobres e não teriam acesso ao conhecimento.

Apanhar a categoria trabalho na sociedade capitalista contemporânea, é apanhá-la na sua forma mais desenvolvida – o trabalho assalariado como expressão concreta da atividade humana, a maneira predominante de como os homens ainda produzem e reproduzem a sua existência humana. O trabalho assalariado tem na força de trabalho a sua expressão; é mercadoria e, como tal, é valor de uso, o qual constitui o conteúdo material da riqueza. Enquanto valor de uso indica que necessidades humanas estão sendo satisfeitas, portanto, os homens trabalham para viver, “condição universal do metabolismo entre o Homem e a Natureza” e condição presente em todas as formas sociais determinadas.

Com base na literatura consultada, pode-se afirmar que os desafios que a classe-que-vive do trabalho” têm a enfrentar, são bem maiores do que os que se imagina. A configuração assumida pelo capitalismo contemporâneo só acentua sua lógica destrutiva. Conforme sintetizou Mészáros (*apud* Antunes, 1998) ao afirmar que o capital, desprovido de orientação humanamente significativa, assume em seu “sistema metabólico de controle social”, uma lógica que é essencialmente destrutiva, onde “o valor de uso” das coisas é totalmente subordinado a seu “valor de troca.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do trabalho. 5.ed. São Paulo:Cortez,1998.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar.** São Paulo: Companhia das Letras,1986.

GOLDMANN, Lucien. **Dialética e cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HARVEY, David. **Condição pós moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola,1999.

MARX, Karl. **O capital:** crítica de economia política. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988 (Os economistas).

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos de 1844.** Lisboa: Avante, 1993.

MORENO, Montserrat. Temas transversais: um envio voltado para o futuro. In: BUSQUETS, Maria Dolors *et al* **Temas transversais em educação:** bases para uma formação integral. São Paulo: Ática, 1998.

RESENDE, Anita Cristina Avevedo. **O tempo do tempo**: objetividade e subjetividade sob o tempo quantificado. São Paulo: PUC/SP, 1987. Dissertação (mimeo).

_____. **Fetichismo e subjetividade**. São Paulo: PUC/SP, 1992. Tese (mimeo).